 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 036. Etnografias da deficiência

Olivia von der Weid (UERJ) - Coordenador/a, Fagner Carniel (UFM) - Coordenador/a, Adriana Abreu Magalhães Dias (UNICAMP) - Debatedor/a, Nádia Elisa Meinerz (Universidade Federal de Alagoas) - Debatedor/a Defici?ncia ? uma categoria em disputa, em constante reconstru??o, que apresenta amplo potencial anal?tico, pol?tico e metodol?gico para a antropologia. Este grupo de trabalho visa dar continuidade ?s activitys desenvolvidas desde a 29? RBA, reunindo estudos etnogr?ficos que abordem perspectivas diversas sobre os corpos, os direitos, os fazeres, os lugares, os medicamentos, as pol?ticas, os desejos, os prazeres, as tecnologias e as experi?ncias de pessoas com defici?ncia e com doen?as raras. Ser?o privilegiadas propostas que considerem: a) o papel dos movimentos sociais e das pol?ticas p?blicas para pessoas com defici?ncia na constru??o das condi?es e par?metros relativos aos direitos e cidadania, tais como cuidado, acessibilidade, inclus?o escolar, vida aut?noma, etc; b) narrativas e pr?ticas de pessoas com defici?ncia que organizam a inser??o de sujeitos concretos em diferentes coletividades; c) ensaios te?ricos, realizados a partir do amadurecimento etnogr?fico, que problematizem a categoria defici?ncia pelo referencial antropol?gico, seja a partir dos debates contempor?neos da disciplina, seja pela articula??o com categorias anal?ticas no di?logo com outros campos como sa?de, direito, lingu?stica, etnologia, g?nero e sexualidades, ra?a, etnia e racismo, ci?ncia e tecnologia, dentre outros; d) por fim, s?o bem vindas as reflex?es sobre os desafios e adequa?es do/no m?todo etnogr?fico, produzidas a partir das tens?es encontradas no campo de pesquisa sobre a defici?ncia.

Domesticar o olhar? Reflexões metodológicas sobre pesquisa com pessoas cegas assistidas por cães-guia

Autoria: Maria Kerolayne Rocha

A inserção do cão-guia nas atividades cotidianas de uma pessoa cega corresponde a uma reintrodução à cegueira. Mais que mobilidade segura e eficiente, a relação desenvolvida entre humano e animal permite uma outra forma de experienciar o não ver e de estar no mundo, além de propiciar uma reflexão sobre a cegueira que transcende a ideia prevalecente de deficiência como falta (MICHALKO, 1999). Em paralelo, o vínculo entre humano e animal ultrapassa o caráter projetista e instrumental, tornando formas de distinção validadas dentro do paradigma dualista, modelo de interpretação da realidade social caracterizado pela relação dicotômica entre dois domínios distintos (DESCOLA; PALSSON, 2001), insuficientes para compreensão de tal relação. O fenômeno em questão aponta para a eclosão de sensibilidades interespecíficas associadas a benefícios que alcançam dimensões biopsicossociais dos usuários de cães-guia. Nesse contexto, questiona-se quais as mudanças que a presença do animal provoca na maneira de perceber e se relacionar da pessoa cega, e de que forma a função desempenhada por cães-guia e o vínculo estabelecido com o humano operam na ressignificação de sua animalidade, ao mesmo tempo que nos coloca diante de problemáticas específicas, que nos impulsiona a revisitar de forma crítica os princípios metodológicos que guiam o fazer antropológico. Pensando a visão como parte constitutiva do conhecimento antropológico (OLIVEIRA, 2000), como observar relações mediadas por outros sentidos? É nesse contexto que o ensaio proposto se insere, buscando trazer reflexões metodológicas para os estudos sobre relações interespecíficas em interface às trajetórias e experiências de pessoas com deficiência visual.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**